

ARTEFILOSOFIA

Revista do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFOP

ISSN: 2526-7892

ARTIGO

ESQUECIMENTO E MEMÓRIA: “A IMAGEM DE PROUST”, DE WALTER BENJAMIN¹

Jorge de Freitas²,

Resumo:

Este artigo busca discutir a dinâmica entre a memória e o esquecimento na leitura que Walter Benjamin realiza sobre Marcel Proust, no ensaio “A imagem de Proust” (“*Zum Bilde Prousts*”). O principal objetivo do texto é demonstrar que a estrutura da recordação proustiana aproxima-se mais do esquecimento do que daquilo que, comumente, entende-se como memória.

Palavras-chaves: Esquecimento; Memória; Benjamin; Proust.

Abstract: This article seeks to discuss the dynamics between memory and forgetfulness in Walter Benjamin's reading of Marcel Proust in his essay “The Image of Proust” (“*Zum Bilde Prousts*”). The main purpose of the text is to demonstrate that the structure of Proustian memory is closer to forgetfulness than to what is commonly understood as memory.

Keywords: Forgetfulness; Memory; Benjamin; Proust.

¹ Forgetfulness and memory: “The image of Proust” by Walter Benjamin

² Professor substituto na Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). Doutor em Letras: Estudos Literários (UFMG). Mestre em Filosofia: Estética e Filosofia da Arte (UFOP). Endereço de email: defreitasjorge2@gmail.com

Poderíamos compreender a colocação de Aleida Assmann sobre a estrutura da *recordação*, estrutura “sempre descontínua” que “inclui necessariamente intervalos da não presença”³, como uma espécie de epígrafe para o empreendimento benjaminiano acerca de Proust e sua *Recherché*. Nesse contexto, não é possível entendermos o Proust de Benjamin como um cantor da memória, pelo contrário, o caminhar na obra proustiana aproxima-se, conforme veremos adiante, mais da tessitura do esquecimento do que da própria memória⁴. Desse modo, ainda pensando com Assmann, “não se pode recordar alguma coisa que esteja presente”⁵, pois é necessário, antes de tudo, o esquecimento daquilo que era precioso ou a ausência do que antes, mesmo que de modo breve, fez-se presente.

Um esquecimento criador, feliz, diria Friedrich Nietzsche⁶, “que permite transformar e incorporar as coisas do passado, curar e cicatrizar feridas, substituir o que foi perdido, refazer por si mesmo as formas rompidas”⁷ e reconstruir narrativas de acontecimentos perdidos que suspendem a ordem do vivido introjetando uma torrente de memórias tão vívidas quanto os relâmpagos que cortam o céu numa tempestade de verão. Contudo, são memórias que não advêm do exercício atenuante do rememorar, mas do acaso fortuito promovido por um acontecer esquecido que, num instante de irrupção, rouba a cena do presente. Em outros termos, um rememorar que só se torna legível segundo condições especiais ou segundo a ordem prévia de um esquecer. Nesse sentido, é válido argumentarmos, inicialmente, que a leitura benjaminiana da recordação na obra de Proust assume o sentido proposto por Assmann de que a “recordação não pressupõe nem presença permanente nem ausência permanente, mas uma alternância de presenças e ausências”⁸. Assim, não há nem uma recordação que seja

³ ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Trad. Paulo Soethe. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2011. P. 166.

⁴ Revelamos uma profunda influência de Jeane Marie Gagnebin na escrita desse artigo sobre a presença proustiana na configuração da relação entre memória e esquecimento no pensamento de Benjamin. Deste modo, é necessário ressaltar que já no ensaio “Do conceito de *mimesis* no pensamento de Adorno e Benjamin”, e em demais escritos, Gagnebin ressalta que a temática da memória em Proust, especialmente, a irrupção da *mémoire involontaire*, “tem mais a ver com o esquecimento do que com a memória tradicional.” (GAGNEBIN, Jeanne. Do conceito de *mimesis* no pensamento de Adorno e Benjamin. In: **Perspectivas: Revista de Ciências Sociais**, vol. 16, p. 67-86. Campinas/SP: 1993. P. 102).

⁵ ASSMANN, Aleida. *Op.cit.* P. 166.

⁶ Nietzsche na *Segunda consideração intempestiva: da utilidade e do inconveniente da história para a vida*, é ainda mais taxativo ao considerar o esquecimento como uma força criadora, ao passo que, segundo o filósofo: “Toda ação exige esquecimento, como todo organismo necessita não somente de luz, mas também de escuridão.” (NIETZSCHE, Friedrich. **Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagens da história para a vida**. Trad. Antônio Carlos Braga e Ciro Mioranza. São Paulo: Escala, 2008. P. 21.

⁷ NIETZSCHE, Friedrich. **Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagens da história para a vida**. *Op.cit.* P.22.

⁸ ASSMANN, Aleida. *Op.cit.* P. 166.

plena nem um esquecimento irrestrito do acontecido; há, antes, um jogo infinito de ausência-presença onde a memória brinca de esconde-esconde com o esquecimento, depositando seus rastros em objetos e ações que permitam o seu resgate.

Nas páginas iniciais do ensaio “A imagem de Proust” (“*Zum Bilde Prousts*”), Benjamin ressalta a tensão que rege a relação entre a memória e o esquecimento existente na obra monumental do escritor francês e, conseqüentemente, o seu próprio projeto teórico-memorialístico ao se questionar se a rememoração de Penélope empreendida por Proust não se encontraria “muito mais próxima do esquecimento do que daquilo que em geral chamamos de rememoração”⁹. Segundo Ursula Link-Herr (2011), a aplicação benjaminiana do mito de Penélope consiste em sua “reversão”¹⁰ (“*Umkehr*”) com vistas à apresentação – no sentido nietzschiano – do esquecimento como força criadora, pois se no mito homérico a mortalha de Laertes é tecida durante o dia (no calor rememorativo de Penélope que aguarda o retorno do marido Ulisses) e desfeita durante a noite (no esquecimento noturno dos pretendes que dormem e sonham com o não retorno de Ulisses), em Proust, que “transformou, ao final, seus dias em noites”, pelo contrário, é “o dia que desfaz o trabalho da noite”¹¹ e, nesse sentido, o esquecimento – como uma espécie de criativa instância noturna – dita o ritmo da escrita proustiana.

[...] como o trabalho altamente produtivo e altamente criativo da imaginação poética, que é análoga ao trabalho dos sonhos, no inconsciente – ou no caso de Benjamin e Proust, provavelmente melhor, na vigília do sonho acordado. O que produz o “esquecimento” produtivo de todos nós à noite é esquecido por não artistas na manhã, (de acordo com a semântica usual), sob a pressão do “recolhimento intencional.”¹²

Nesse sentido, a rememoração que envolve as palavras de Proust constitui uma atividade que coloca em suspensão o próprio ato efetivo do recordar proveniente da vontade de investigar o tecido memorialístico em busca de acontecimentos e de experiências dignas de serem narrados, pois, como revela Benjamin, na voluntariedade e ordenação da memória, o objeto mesmo desaparece¹³. Deixando de lado a memória voluntária, Proust consolida-se na espontaneidade ou na condição involuntária da memória-esquecimento que não se apega aos grandes

⁹ BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas I. Magia e Técnica, Arte e Política**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012. P. 38.

¹⁰ LINK-HERR, Ursula. *Zum Bilde Prousts*. In: LINDNER, B (Edt.). **Benjamin-Handbuch**. Stuttgart: Metzler Verlag, 2011. P. 515. Tradução do autor.

¹¹ BENJAMIN, Walter. *Op.cit.* P. 38.

¹² LINK-HERR, Ursula. *Op.cit.* P. 515.

¹³ O próprio Proust revela esse caráter de desaparecimento do passado na voluntariedade da memória ao apontar o seguinte em *No caminho de Swann (Du côté de chez Swann)*: “Mas como o que na época eu me lembrasse me seria fornecido exclusivamente pela memória voluntária, a memória da inteligência, e como as informações que ela nos dá sobre o passado nada conservam dele, nunca teria sido interessante em imaginar o resto de Combray”. (PROUST, Marcel. **No caminho de Swann**. Trad. Fernando Py. São Paulo: Abril, 2010. P. 63. Grifos do autor).

acontecimentos, mas repousa naquilo que é vestígio, rastro e detalhe indomável e inextinguível. Assim, aos olhos de Benjamin, a obra de Proust se abre sob a forma de uma imensa tapeçaria inacabada (feita, desfeita, refeita no curso cíclico de retornos e desvios memoriais), cujo movimento constante de fiar e desfilar os fios entrelaçados encontra-se disponível para o leitor/ intérprete/ contemplador/ tradutor/ editor. Desse modo, o agrupamento fio a fio dos detalhes e dos rastros revela a agitação de um fazer textual regido pela atenção desatenta ao fluxo repentino do lembrar involuntário que se exercia “também no interior da obra”¹⁴, ou, mais importante, do lembrar que é, sobretudo, uma obra do esquecer¹⁵.

Com a imersão na dinâmica proustiana do lembrar e do esquecer, Benjamin interpreta a importante noção de *mémoire involontaire*, tendo em consideração, principalmente, a narração de Proust depositada no primeiro volume da *Recherche*, “No caminho de Swann” (*Du côté de chez Swann*), acerca da chegada da *madeleine* mergulhada no chá de tílias e seus efeitos em Marcel.

E logo, maquinalmente, acabrunhado pelo dia tristonho e a perspectiva de um dia seguinte igualmente sombrio, levei à boca uma colherada de chá onde deixara amolecer um pedaço de *madeleine*. Mas no mesmo instante em que esse gole, misturado com os farelos do biscoito, tocou meu paladar, estremei, atento ao que se passava de extraordinário em mim. Invadira-me um prazer delicioso, isolado, sem a noção de sua causa. Rapidamente se me tornaram indiferentes as vicissitudes da minha vida, inofensivos os seus desastres, ilusória a sua brevidade, da mesma forma como opera o amor, enchendo-me de uma essência preciosa; ou antes, essa essência não estava em mim, ela era eu.¹⁶

Logo de início, o episódio revela o acontecimento de um despertar (ou um estremece) involuntário que se dá, sobretudo, pela ação dos sentidos, pelo ato gustativo que faz o narrador estremece-se diante de um poder desconhecido (contudo, atentamente observado) que o invade e o transporta, momentaneamente, para o interior de si mesmo. Nesse primeiro momento, é preciso enfatizar a ação dos sentidos no processo proustiano da *mémoire involontaire*, especialmente através do paladar que, de acordo com Harald Weinrich, leva o narrador “de volta à infância, portanto a um tempo bastante remoto, quando o pequeno Marcel sentiu na língua pela primeira vez em sua vida esse gosto singular”¹⁷. Weinrich relaciona,

¹⁴ BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas I. Magia e Técnica, Arte e Política.** *Op.cit.* P. 38.

¹⁵ Nesse sentido, Gagnebin, no capítulo “A criança no limiar do labirinto”, destaca que “A grandeza da *Recherche* é ter ousado entregar-se, pelo viés da memória involuntária, à dinâmica imprevisível do lembrar, dinâmica que submete a soberania do sujeito consciente à prova temível da perda, da dispersão e, como ressalta Benjamin no seu ensaio sobre Proust, do esquecimento.” (GAGNEBIN, Jeanne-Marie. **História e narração em Walter Benjamin.** São Paulo: Perspectiva, 2011. P. 79).

¹⁶ PROUST, Marcel. *Op.cit.* P. 64.

¹⁷ WEINRICH, Harald. **Lete: arte e crítica do esquecimento.** Trad. Lya Luft. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2001. P. 210.

assim, a abertura a uma temporalidade outra pela ação dos sentidos. A sensualidade do sabor e do formato da *madeleine* amolecida que chega à sua boca revela o despertar da imagem que se liga à lembrança, conforme destaca a passagem seguinte: “Certamente, o que palpita desse modo dentro de mim, deve ser a imagem, a lembrança visual, que, ligada a esse sabor, tenta segui-lo até mim”.¹⁸ Ligada à lembrança, a imagem proustiana coloca-se como um instante de criação, digamos de *novidade* e redefinição do tempo até então esquecido pelo tédio da repetibilidade das tentativas vãs de uma memória ligada à vontade de recuperar o que é irrecuperável pelo jogo da reflexão. Não é a recuperação de uma imagem da infância¹⁹, conforme veremos a seguir, mas talvez – nos passos de Gagnebin –, a consolidação da imagem fulminante e estremeceadora do novo, fresco e esquecido momento temporal advindo da espontaneidade involuntária do sabor combinado da *madeleine* e do chá de tílias, o que, segundo Szondi, permite a Proust “escapar do feitiço do tempo em si”²⁰, rompendo com os automatismos do dia que caminha linearmente em direção a um amanhã que não é senão a repetição do hoje. São lembranças “abandonadas há tanto fora da memória”²¹ e, portanto, próximas do esquecimento ou, em outras palavras, próximas de uma rememoração que se aproxima mais daquilo que está irremediavelmente aparentado com o esquecimento do que com a voluntariedade da memória. Isso reforça, de certo modo, a colocação benjaminiana de que se trata de um trabalho memorialístico advindo de um esquecer criador que ressalta uma nova possibilidade para a temporalidade.

Para Weinrich, a *mémoire involontaire* é um lembrar que “não tenta mais invocar lembranças através de um esforço da vontade”²². Assim, cai por terra em Proust a ideia de uma rememoração plena e efetiva provinda dos atos voluntários da reflexão que procura, de todo modo, resgatar o passado que foi perdido. Em tons

¹⁸ PROUST, Marcel. *Op.cit.* P. 66. É interessante destacarmos que críticos, como Ferdinand Fellmann, acentuam o caráter de sensualidade atribuído ao formato da *madeleine* proustiana em relação direta ao efeito de uma rememoração que se dirige ao feminino. Assim, segundo Fellmann: “Devido a sua forma de concha e ao seu sabor suave a Madeleine lembra a vulva de uma mulher. (...) Apesar dos exageros de alguns intérpretes, a maneira delicada, sofisticada e cortês com que Proust descreve a experiência da Madeleine, sem dúvida, refere-se à experiência sexual”.(FELLMANN, Ferdinand. Memory and Timeless Time of Eros. *Psychology*, vol. 08, n° 07, p. 963-977, 2017.P.966).

¹⁹ Cabe ressaltar que de modo algum podemos desconsiderar a interpretação benjaminiana da criança que em seu processo de integração do “novo mundo ao espaço simbólico” torna-se “capaz de fazer algo que o adulto não consegue: rememorar o novo”. (BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Trad. Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009. P. 435). Assim, o caráter de novidade próprio à atividade da rememoração involuntária permanece na figura da criança e, conseqüentemente, nos vestígios da infância rememorada, como podemos avistar, por exemplo, na obra *Infância em Berlim*.

²⁰SZONDI, Peter: Hoffnung im Vergangenen. Walter Benjamin und die Suche nach der verlorenen Zeit. In: HORKHEIMER, Max (Hg.): *Zeugnisse. Theodor W. Adorno zum sechzigsten Geburtstag*. Frankfurt a. M: Hessischer Rundfun, 1963. P. 246.

Tradução do autor.

²¹ PROUST, Marcel. *Op.cit.* P. 67.

²² WEINRICH, Harald. *Op.cit.* P. 208.

benjaminianos, é o procedimento de “investigação” e “recuperação” do passado que se dá na atenção/espontaneidade do vivido em acolher o outrora esquecido que relampeja na ordem do agora e interrompe o fluxo natural da consciência com a presentificação de uma imagem do passado²³.

Sobre essa atenção ao passado que se presentifica, Weinrich destaca a necessidade de aquele que “recebe” o acontecimento de lembrança “portar-se de maneira absolutamente passiva”²⁴ em relação aquilo que lhe chega. Aceitamos o pressuposto acima no que diz respeito à obrigação de não “contaminar” a imagem do passado com o jugo da vontade de rememoração ou, como aponta o crítico, com “o desejo forçado do lembrar”²⁵. Entretanto, parece-nos que não basta apenas o cuidado do receptor em não submeter esse lembrar involuntário às vontades da rememoração voluntária, mas também é preciso que aquele que recebe esse fruto fresco antes esquecido esteja atento àquilo que lhe chega e lhe chacoalha como uma novidade, pois, conforme adverte Assmann: “Se esse *milieu de mémoire* se perde e se cala, a recordação perde sua contraparte construtiva e torna-se um fantasma”²⁶. Assim, podemos dizer que – similar ao ocorrido na noção de imagem dialética²⁷ – há um movimento de entrecruzamento (como os fios da tapeçaria que se colocam, ininterruptamente, um sobre o outro, fornecendo passo-a-passo o desenho ou o bordado do todo) do passado e do presente que revela a complexidade de uma relação entre rememoração e esquecimento criativo que toma como pano de fundo a ideia de um receptor que seja, ao mesmo tempo, passivo e ativo²⁸. Isto é, passivo diante do desejo de submeter-se à investigação da memória sob a ordem do lembrar voluntário e ativo diante da necessidade de recepção da imagem esquecida que,

²³Gagnebin, ressalta a influência bergsoniana de *Matièreetmémoire* na contraposição proustiana (e posteriormente, benjaminiana) entre a memória voluntária e a memória involuntária ao argumentar que a distinção fundamental faz-se “entre um lembrar intencional, voluntário, aquilo que em geral chamamos de lembrança (*erinnern, Erinnerung*), e um outro tipo de lembrar, atravessado pelo movimento conjunto e oposto do esquecimento, aquilo que Proust chama de *mémoire involontaire*”. (GAGNEBIN, Jeanne-Marie. **Limiar, Aura e Rememoração: Ensaio sobre Walter Benjamin**. São Paulo: Editora 34, 2014. P. 236).

²⁴ WEINRICH, Harald. *Op.cit.* P. 208.

²⁵*Ibid.* P. 208.

²⁶ ASSMANN, Aleida. *Op.cit.* P. 176.

²⁷Link-Herr, esboça a aparente relação entre memória involuntária e imagem dialética, destacando a primeira, como se sabe, como um acontecimento de ordem individual e a segunda, a imagem-dialética, como a transposição da teoria proustiana e freudiana sobre a memória para a ordem do coletivo, principalmente, ao ressaltar o seguinte: “O que caracteriza a imagem proustiana é a sua tensão temporal interna, sua polarização histórica no calço da memória involuntária (da “rememoração”)”. (LINK-HERR, Ursula. *Op.cit.* P. 520) Enquanto a montagem típica do tempo é baseada na justaposição, isto é, no sincronismo, a polarização de Proust está na interação de duas vezes, na diacronia. É precisamente essa estrutura que Benjamin chama de “imagem dialética” nos anos trinta, que se traduz cada vez mais na dimensão individual dominante de Proust no histórico coletivo.

²⁸ Segundo Assmann, o brilhantismo da obra de Proust consiste nessa apresentação do sujeito que recorda como “ao mesmo tempo ativo e passivo”. (ASSMANN, Aleida. *Op.cit.* P. 176).

involuntariamente, retorna à trama do vivido como sua nova possibilidade de reordenação.

Apostamos no caráter de novidade trazido pela imagem que ecoa como uma *mémoire involontaire* porque, de acordo com Gagnebin, no recente artigo “O trabalho de rememoração de Penélope”, a descoberta do pequeno ensaio benjaminiano “Extraído de uma pequena conferência sobre Proust, proferida no dia do meu quadragésimo aniversário” (“*Aus einer kleinen Rede über Proust, an meinem vierzigsten Geburtstag*”) revela uma interpretação renovadora para a noção supracitada ao apontar para a seguinte colocação: “Para o conhecimento da *mémoire involontaire*: suas imagens não só chegam sem serem chamadas; trata-se muito mais de imagens que nunca vimos antes de nos lembrar delas. Isso é o mais manifesto nessas imagens, nas quais – exatamente como em certos sonhos – nós mesmos oferecemos à vista”.²⁹

Destaca-se, na colocação de Benjamin, mais uma vez, o poder renovador do esquecimento enquanto motor da *mémoire involontaire* que alcança imagens antes não buscadas, acontecimentos relegados ao esquecimento que jaziam desconhecidos até serem presentificados na ordem do agora. Assim, não se trata apenas de um esforço de recuperação que traz de volta a infância perdida ou qualquer outro tesouro escondido; antes disso, é uma imagem antiga que ao se colocar como novidade estremece de tal modo a ordem do sujeito (em uma postura atenta de receptividade e acolhimento) que seu poder de interrupção e reordenação do presente assemelha-se, poderíamos dizer, a uma reordenação epistemológica do real e, conseqüentemente, do sujeito. Conforme Benjamin ressalta na passagem seguinte, a imagem presentificada pela condição involuntária da memória coloca o sujeito diante de si “como provavelmente já estivemos em algum lugar do passado, mas nunca diante de nossos olhos”.³⁰ Desse modo, amplia-se o caráter de descoberta da *mémoire involontaire* e de sua efetividade na reordenação do presente não apenas como singular, mas também como possibilidade reluzente – em conjunto com as “teses” “Sobre o conceito de história” – da reordenação do presente coletivo. De modo paradigmático, Gagnebin ressalta esse caráter de ampliação das lembranças individuais para a esfera do coletivo também nos fragmentos da *Infância em Berlim por volta de 1900 (Berliner Kindheit um Neunzehnhundert)* ao ressaltar que “a lei de estruturação dessa obra não podia mais ser o fio das lembranças pessoais e a história – ou *crônica* – de uma vida, mas devia reconstruir, além da intensidade das lembranças individuais, a densidade de uma memória pessoal e coletiva”.³¹

Retornando à citação benjaminiana, vemos nela o destaque à imagem da memória involuntária, a imagem onírica e, posteriormente, o momento do despertar. Gagnebin ressalta ainda o parentesco entre a imagem provinda da memória

²⁹BENJAMIN, Walter, apud. GAGNEBIN, Jeanne-Marie. **Limiar, Aura e Rememoração: Ensaios sobre Walter Benjamin**. *Op.cit.* P. 237.

³⁰BENJAMIN, Walter. **Gesammelte Schriften II.1**. TIEDEMANN, R. /SCHWEPPEHÄUSER, H. (Ed.) Frankfurt/Main: Suhrkamp, 1977. P. 1064. Tradução do autor.

³¹GAGNEBIN, Jeanne-Marie. **História e narração em Walter Benjamin**. *Op.cit.* P. 125.

involuntária e as imagens oníricas (*Traumbilder*) advindas dos sonhos, “nos quais nos vemos a nós mesmos como nunca podemos ver na realidade”³², como um alargamento da percepção do sujeito que desiste do papel exclusivo da vontade na trama do lembrar. É, desse modo, enquanto intensidade e inovação que abala e estremece o sujeito e a realidade que o circunda, que a imagem da memória involuntária torna-se capaz de atuar como reordenação do presente através desse floco de neve do passado lembrado. A nossos olhos, a proximidade com o ensaio benjaminiano “O Surrealismo: o último instantâneo da inteligência europeia” (*“Der Sürrealismus. Die letzte Moment auf nahme der europäischen Intelligenz?”*)³³ torna-se aqui palpável, pois se nesse ensaio o pensador berlinense procura – na embriaguez do inconsciente – mobilizar as estruturas das imagens oníricas para um instante de revolução e reordenação da realidade social e política³⁴, parece-nos possível dizer que a imagem proustiana, transposta para a *mobilização coletiva*, aproxima-se da necessidade de construção de uma nova imagem do mundo, talvez mais onírica (aberta à irrupção dos eventos no fluxo da consciência, seja advindo do sonho ou da profundidade esquecida da memória) e distante da automatização promovida pela certeza racional depositada na lembrança dada unicamente pela vontade. Assim, o elo entre “A imagem de Proust” e o “Surrealismo” faz-se visível no horizonte da revolução das estruturas dominantes do presente, que se em “Proust” aparece na transformação da *mémoire involontaire* em energia de reordenação do presente que se abre ao passado esquecido – similar àquela exigida nas “Teses” –, nos surrealistas, por sua vez, ocorre na utilização política das experimentações advindas de uma *“iluminação profana*, de inspiração materialista e antropológica, à qual o haxixe, o ópio, entre outros podem servir de propedêutica.”³⁵ Nesse leque de possibilidades que o pensador deixa em suspensão, acrescentaríamos a propedêutica da *mémoire involontaire* que não deixou de iluminar aquilo que, “de fato, estava morto”³⁶, como revela Proust diante do estremecer da imagem recuperada que lhe chega involuntariamente e lhe transporta para uma Combray esquecida no traçado luminoso dos sonhos.

³² GAGNEBIN, Jeanne-Marie. **Limiar, Aura e Lembrança: Ensaio sobre Walter Benjamin**. *Op.cit.* P. 237.

³³ Ambos os ensaios, “A imagem de Proust” e “O Surrealismo: o último instantâneo da inteligência europeia”³³, foram publicados no ano de 1929.

³⁴ Luciano Gatti, no artigo “Walter Benjamin e o Surrealismo: escrita e iluminação profana”, divide o ensaio e, conseqüentemente, o interesse de Benjamin pelo Surrealismo em dois momentos oscilantes: “A oscilação entre o anarquismo e a disciplina revolucionária constitui a perspectiva do ensaio de Benjamin sobre o surrealismo. Ela pode ser percebida na própria articulação do texto, dividido entre um exame daqueles elementos que, no início, aproximaram o movimento de uma concepção anarquista de liberdade e a consideração da possibilidade de reformulação desse anarquismo, em face da exigência da mobilização política a favor da revolução social.” (GATTI, Luciano. *Walter Benjamin e o Surrealismo: escrita e iluminação profana*. In: **Revista ArteFilosofia**, vol. 6, p. 74-93. Ouro Preto: ED. UFOP, 1º semestre de 2009. P. 81).

³⁵ BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas I. Magia e Técnica, Arte e Política**. *Op.cit.* P. 23.

³⁶ PROUST, Marcel. *Op.cit.* P. 63.

Ademais, é na figura do romancista francês que Benjamin deposita algumas de suas importantes considerações sobre a matéria do despertar enquanto transposição de “um despertar individual, tal qual *Em busca do tempo perdido* dá a ler, para o plano da coletividade inteira, a fim de escapar do pesadelo do Eterno Retorno do próprio mal”³⁷. Trata-se, assim, de um despertar político-social com vistas à transformação da realidade coletiva. Esse despertar busca, com arca nos olhos, a possibilidade da captura do instante em que a recordação advinda pelo tom soturno do esquecimento ainda encontra-se à disposição. O despertar, diz Benjamin, é “a revolução copernicana e a dialética da rememoração”³⁸, é o direcionar uma atenção não àquilo que se coloca claro à ordem do dia, mas um olhar diretamente para a noite do esquecimento que resguarda (na imagem onírica) os vestígios daquilo que foi excluído na linearidade da rememoração da memória voluntária. É, ainda, o despertar do sonho progressista da escrita histórica em sua linearidade, ou melhor, a interrupção desse sonho em prol do esquecido que se presentifica à luz do ser desperto, ou, como destacado pelo pensador no arquivo “N” do Projeto das *Passagens*: “Assim como Proust inicia a história de sua vida com o despertar, toda a apresentação da história deve também começar com o despertar; no fundo ela não deve tratar de outra coisa”³⁹.

Enfim, “De 1919 até sua morte, Benjamin sempre retorna a Proust”⁴⁰, movido pela tarefa hercúlea de sua tradução do escritor francês para o alemão, pelo desejo de reencontrar algo que foi perdido na experiência individual e pela recuperação do frescor da infância dotado da embriaguez do onírico. Deste modo, tomando Proust como égide, trata-se também da tentativa da transfiguração do individual para uma experiência coletiva mais vasta de reformulação não apenas do histórico, mas, como veremos adiante, na composição de sua teoria acerca da experiência da narração. Dito isso, ressaltamos que nosso objetivo neste breve artigo foi o de clarear a posição de Proust e do esquecer na trama benjaminiana da memória-esquecimento que revela, sobretudo, como o esquecimento – enquanto instância responsável pela *mémoire involontaire* – faz com que o passado ecoe tal qual a imagem de uma novidade capaz de estremecer o *continuum* historiográfico e memorialístico.

³⁷KANH, Robert. Benjamin leitor de Proust. Trad. Daniel Teixeira da Costa Araujo. In: **Revista ALEA**, vol. 14, n. 1, p. 60-77. Rio de Janeiro: jan-jun de 2012. P. 76. O despertar do menino Proust é narrado do início do primeiro romance da *Recherché* do seguinte modo, “A verdade é que, quando eu assim acordava, meu espírito agitando-se para tentar saber, sem o conseguir, onde me encontrava, *tudo girava ao meu redor no escuro*, as coisas, os países, os anos” (PROUST, Marcel. *Op.cit.* P. 16). Essa passagem é importante porque revela o despertar como um local de irrupção onde os acontecimentos e os anos se colocam involuntariamente à frente do sujeito ainda atordoado pela noite de sono. É necessário, pois, um sucedâneo de disponibilidade para a captura desse instante.

³⁸BENJAMIN, Walter. **Passagens**. *Op.cit.* P. 434.

³⁹BENJAMIN, Walter. **Passagens**. *Op.cit.* P. 506. É interessante também ressaltarmos o fragmento [N 3a,3] onde Benjamin destaca a importância de Proust (a ser transposta para o coletivo histórico) no sentido da “mobilização da vida inteira em seu ponto de ruptura, dialético ao extremo: o despertar.”(BENJAMIN, Walter. **Passagens**.*Op.cit.* P. 506).

⁴⁰LINK-HERR, Ursula. *Op.cit.* P. 510. Tradução do autor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Trad. Paulo Soethe. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2011.
- BENJAMIN, Walter. **Gesammelte Schriften II.1**. TIEDEMANN, R. /SCHWEPPEHÄUSER, H. (Ed.) Frankfurt/Main: Suhrkamp, 1977.
- BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas I. Magia e Técnica, Arte e Política**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Trad. Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009
- FELLMANN, Ferdinand. Memory and Timeless Time of Eros. **Psychology**, vol. 08, n° 07, p. 963-977, 2017.
- GAGNEBIN, Jeanne. Do conceito de mimesis no pensamento de Adorno e Benjamin. In: **Perspectivas: Revista de Ciências Sociais**, vol. 16, p. 67-86. Campinas/SP: 1993.
- GAGNEBIN, Jeanne-Marie. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- GAGNEBIN, Jeanne-Marie. **Limiar, Aura e Rememoração: Ensaio sobre Walter Benjamin**. São Paulo: Editora 34, 2014.
- GATTI, Luciano. Walter Benjamin e o Surrealismo: escrita e iluminação profana. In: **Revista ArteFilosofia**, vol. 6, p. 74-93. Ouro Preto: ED. UFOP, 1º semestre de 2009.
- KANH, Robert. Benjamin leitor de Proust. Trad. Daniel Teixeira da Costa Araujo. In: **Revista ALEA**, vol. 14, n. 1, p. 60-77. Rio de Janeiro: jan-jun de 2012.
- LINK-HERR, Ursula. Zum Bildes Prousts. In: LINDNER, B (Edt.). **Benjamin-Handbuch**. Stuttgart: Metzler Verlag, 2011.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagens da história para a vida**. Trad. Antônio Carlos Braga e Ciro Mioranza. São Paulo: Escala, 2008.
- PROUST, Marcel. **No caminho de Swann**. Trad. Fernando Py. São Paulo: Abril, 2010.
- SZONDI, Peter: Hoffnung im Vergangenen. Walter Benjamin und die Suche nach der verlorenen Zeit. In: HORKHEIMER, Max (Hg.): **Zeugnisse. Theodor W. Adorno zum sechzigsten Geburtstag**. Frankfurt a. M: Hessischer Rundfun, 1963.
- WEINRICH, Harald. **Lete: arte e crítica do esquecimento**. Trad. Lya Luft. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2001.

Artigo recebido em: 08/02/2019 e aceito em: 30/07/2019